

## **ó Carlito[s], meu e nosso amigo, teus sapatos e teu bigode caminham numa estrada de pó e de esperança!**



CHARLES Spencer CHAPLIN nasceu em 16 de abril de 1889, em Walworth, distrito de Londres. A infância e a adolescência do artista foram marcadas pela falta de recursos, traumas, constantes dificuldades financeiras e por uma vida familiar conturbada. O jovem Charles chegou a passar fome e viveu, por alguns anos, em casas de caridade e asilos. Aos 13 anos, teve de abandonar por completo os estudos. O pai do garoto era alcoólico e ausente, a mãe sofria de problemas mentais, tendo sido internada num hospício, em 1898. Sem poder contar com os cuidados da família, Charles teve de aprender a sobreviver sozinho e trabalhar desde muito cedo.

# Charlie Chaplin: da inspiração de Cristo à sátira social

«Recordo uma noite, em Londres, no quartinho da nossa cave, eu, convalescente na cama, e a minha mãe. Ela lia, recitava e explicava o Novo Testamento de uma maneira inimitável, transmitindo-me o amor e a piedade de Cristo pelos pobres e pelas crianças.

Falou da sua tolerante compreensão pelos pecadores, da mulher que devia ser apedrejada e das palavras que Cristo disse à multidão: “Quem de vós estiver sem pecado, atire a primeira pedra”. Falou do ódio e do ciúme dos sumos-sacerdotes e dos fariseus.

Falou de como o despojaram e flagelaram, colocando-lhe na cabeça uma coroa de espinhos. Cobriram-no de insultos; falou de Barrabás, o ladrão que morria com Ele na cruz a pedir perdão, e de Jesus que dizia: “Hoje estarás comigo no Paraíso”. E de quando, no fim da sua excruciante agonia, gritou: “Meu Deus, porque me abandonaste?”. E nessa altura irrompemos os dois em lágrimas.»

Na “Autobiografia” (1964), Charlie Chaplin detém-se na sua difícil infância em Londres, depois que o pai, ator, alcoólico, abandonou a sua mãe, o seu irmão Sydney (cinco anos mais velho) e a ele.

Não sabemos se a crase entre Barrabás e o bom ladrão foi obra da mãe, Hanna ou sua. O facto é que a formação pastoral e no Novo Testamento da criança, cuidada pela atriz de “vaudeville” Lily Harley (nome artístico da mãe, que se pensa ter morrido por causa de sífilis: nova Madalena, que se

prostituíra para manter os filhos – Chaplin, nos seus escritos, ocultará este aspeto), deixará traços no seu cinema.

Quem, em 1921, teria ousado inserir o fotograma (três segundos) de um grupo escultórico com um Cristo gigante dobrado sob o peso de uma volumosa cruz, para significar o futuro sofrimento de uma desventurada jovem mãe, acabada de ser mandada embora do Charity Hospital, depois de ter dado à luz o “fruto da culpa”: “O miúdo”? Com tal imagem “fora de contexto”, semanticamente inconcebível para os realizadores do tempo, Chaplin introduzia, na retórica do cinema, a metáfora fílmica (que Eisenstein, astutamente, copiará).

Quem teria ousado fechar um filme, “Uma mulher de Paris”, 1923, com duas mulheres sós (sogra e nora, o jovem homem suicidou-se por amor) que montaram uma casa-família, “ante litteram”, na qual criaram crianças abandonadas? Mas, sobretudo, Chaplin, com a criação da personagem Charlot – o terno vagabundo, o tímido rejeitado, o maltrapilho educado –, dava vida a uma original “figura Christi”: pobre, solitária, pronta para amar o próximo, inclusive os animais abandonados (“Vida de cão”). Tão bom que sabia realizar “milagres”: tem piedade de uma pobre emigrante oferecendo-lhe um almoço no restaurante sem ter um cêntimo (“A emigrante”); volta a dar vida a um recém-nascido salvo da rua e adota-o (“O miúdo”); permite a uma bela jovem cega recuperar a

vista (“Luzes da cidade”). Charlot, todavia, não deixa de ser também um forte personagem laico. Goza com o poder na figura do polícia (“O fugitivo”, “O miúdo”); satiriza os países militaristas durante a Grande Guerra (“Shoulder arms”); escarnece dos imponentes monumentos e ritos civis vazios (princípio de “Luzes da cidade”); derrama ironia na burguesia viciosa e nas suas fátuas festas (“A mulher de Paris”, “A febre do ouro”, “Luzes da cidade”); “desmonta” ferozmente a produção em série associada ao “fordismo” (“Tempos modernos”), ridiculariza os déspotas (“O grande ditador”). Por esta sua força libertadora e “revolucionária”; pelas suas ações rápidas (futurista), sem lógica aparente (dadaísta), projetadas em cada direção (cubista: veja-se como Fernand Léger o retrata), que se abrem a estranhos sonhos (surrealista) provenientes do inconsciente coletivo, Charlot, essência do séc. XX, será amado por todos os intelectuais das vanguardas europeias: dos dadaístas de Zurique aos expressionistas berlinenses; dos zenitistas jugoslavos aos soviéticos da LEF (Frente de Esquerda da Artes); dos poetas de Praga aos futuristas romenos. Blaise Cendrars recordará como «a fama de Charlot se difunde na frente graças aos soldados com licença de saída: regressavam rubicundos depois de terem visto os

seus filmes: “Charlot no Music Hall”, “Charlot boxeur”, “Charlot marinheiro”, etc.». Philippe Soupoult define “Vida de cão” como «o poema mais emocionante jamais visto, autêntica tragédia de um pobre coitado». Lúcia Joyce (filha do grande escritor James), após a exibição de “O miúdo”, exclamou: «Que mistura de grotesco e sublime!».

Depois de ter “resistido” ao cinema sonoro até 1935 (o último filme mudo é o perfeito social-humanista “*Tempos modernos*”), encarará o cinema falado com grande habilidade: de “*O grande ditador*”, hino à democracia e à igualdade, passando pelo filosófico “*Senhor Verdoux*”, até ao existencialista “*Luzes da ribalta*”.

A 24 de dezembro de 1977 Charlie Chaplin extinguiu-se serenamente no sono, na Suíça, em Corsier-sur-Vevey, onde tinha escolhido viver a sua velhice, com a sua terceira mulher, Oona O’Neill, sem nunca ter obtido o passaporte norte-americano. Alguns meses depois um bando de ladrões desastrados (desvanecida cópia dos dois patifes que roubam o automóvel com o recém-nascido em “O miúdo”) levava os seus restos mortais do cemitério, tentando obter um resgate, mas o golpe não é bem-sucedido. Charlot, com uma elegante pirueta, sorrindo debaixo do seu bigodinho, lançava do céu um cumprimento.

## a hora da verdade

**H**oje em dia, a Igreja não possui o vigor espiritual de que necessita para cumprir, adequadamente, a sua missão, enfrentando os desafios da hora atual. São muitos, sem dúvida, os fatores e as causas que podem explicar esta mediocridade espiritual, mas talvez a principal raiz do problema esteja na ausência de contacto vital com Jesus Cristo, que é possível observar nos diversos setores da Igreja.

Jesus não é conhecido, não é amado, não é sentido nem seguido como o foi pelos seus primeiros seguidores. Há muita gente que, apenas, o confessa e adora como Deus, a partir duma perceção doutrinal do seu mistério. De facto, um Jesus assim, não seduz nem atrai. Não tem força para nos converter em seus seguidores.

Esta ausência de um contacto mais vital com Jesus Cristo constitui, provavelmente, o maior obstáculo ao incremento da renovação a que o papa Francisco apela: “Convido cada cristão, seja qual for a situação em que se encontre, a renovar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a decidir deixar-se encontrar por ele, a tentar fazê-lo todos os dias sem descanso (*Evangelii gaudium* 3).

Está a chegar a hora da verdade para o nosso cristianismo. Ou deixamos de ser, apenas, adeptos de uma religião, convertendo-nos em seguidores de Jesus Cristo, ou o nosso cristianismo corre o risco de desaparecer. Para se ser cristão exigir-se-á no futuro uma experiência cada vez mais viva de Cristo e uma identificação cada vez mais convicta com o seu projeto.

# um Natal em Almada

Encarregado de fazer uma produção musical “natalícia” destinada à miudagem escolar de Almada, que incluiria, para além das canções próprias da quadra, da tradição popular portuguesa (e outras), uma história de Natal com referências às memórias da cidade e dos pais e avós dos destinatários este trabalho, fui confrontado, a dois dias de ter que entregar os produtos acabados (música, textos e artes gráficas) na fábrica, com a impossibilidade física do amigo e autor a quem tinha pedido a história. Não havia história!

Podia bem ter ficado a lamentar o facto e a tentar justificá-lo a quem me tinha encomendado o trabalho... mas, quem sabe “derivado” ao choque, sentei-me ao computador e fiz num dia o que nunca tinha feito... e muito provavelmente nunca mais farei: armei-me em “inventor” de histórias.

Tentei falar do Natal de uma forma que soasse bem lida e gravada em áudio entre as canções. Tentei ainda falar de histórias paralelas e memórias que, habitualmente, não estarão muito presentes nas histórias de Natal, tentando ao mesmo tempo não “assustar” ou afastar os destinatários.

Saiu um texto assim... e só faz sentido se for lido até ao fim. Eu sei que já quase ninguém tem pachorra ou tempo, ou interesse... mas se for o caso, digam (se acharem por bem) o que vos pareceu.

## “Um Natal em Almada”

**N**aquela pequeníssima casa do Pragal, herdada de uns avós que tinham finalmente regressado ao seu Alentejo, uma casa pequena quase coberta pelo colorido das sardinheiras que alegravam as suas janelas, as mais floridas do Beco dos Pimentas... viviam Maria e José.

Maria, de apenas 23 anos, filha de pescadores da Trafaria, era cozinheira. A mais bonita do refeitório da Lisnave, dizia-se. Ele, mais velho, com 29, soldador na Parry & Son. Conheceram-se nos poucos intervalos do trabalho e por ali foram namorando, em passeios e conversas cada vez mais sérias, até um dia o Zé convencer a Maria a casar e ir viver para o seu Pragal, logo ali aos pés na novidade que era o Cristo-Rei.

A meio desse verão já não era possível esconder a gravidez da Maria. Em dezembro estava linda, com a sua barriga muito redonda a fazer empinar cada vez mais as saias.

O Zé sentia um aperto no coração de cada vez que via a Maria ocupar-se de alguma tarefa mais pesada, fosse em casa fosse no emprego. A barriga da Maria ia ficando todos os dias maior e toda a gente sabia que não chegaria janeiro sem que houvesse um novo, ou nova habitante no Beco dos Pimentas.

Quem tomava conta da casa, enquanto os dois jovens trabalhadores estavam lá longe, junto à água e à agitação dos grandes estaleiros navais de Cacilhas, era a mãe do Zé, Margarida, mulher de força nos seus cinquenta e poucos, que há muito tinha que ir fazendo de mãe e pai daquela família, porque o seu homem, o António, serralheiro mecânico naval, apesar de

trabalhador e honesto até aos ossos, era já a terceira vez que estava preso. As duas primeiras vezes tinha sido coisa rápida, mas agora já lá iam uns anos no Forte de Peniche. Ninguém entre os vizinhos dizia abertamente porquê, embora não fosse segredo para ninguém quais os motivos que o tinham levado à prisão.

Voltando ao Zé e à Maria, ela iluminada de felicidade, ele cada dia mais apreensivo, só tinham olhos um para o outro.

Ela estava em paz. Contava que desde que num momento de descanso, na cozinha do refeitório, um raio de sol tinha entrado pelo vidro da grande janela e pousado na sua enorme barriga, parecia-lhe ter ouvido uma voz que lhe disse que tudo ia correr bem e que o seu filho – sim, um rapaz – ia nascer saudável. Dizia também que a voz a tinha convencido de que o futuro do seu filho iria ser muito diferente da vida dos pais... e ainda mais da vida do avô António.

Toda a miudagem do bairro sentia já os cheiros do Natal e o sabor das coisas boas que as avós e as mães sempre faziam. A excitação de, desta vez, poder ser mesmo verdade que apareceria na sala, junto à pequena árvore enfeitada com bolas brilhantes, aquele brinquedo igualzinho ao que tinham visto numa loja da Rua Capitão Leitão, que os mais velhos insistiam em chamar Rua Direita. Aquele carro de bombeiros de lata pintada, ou o soldadinho de chumbo, ou aquela boneca que abria e fechava os olhos, brinquedos para somar às horas de brincadeiras na rua, até a tarde cair, jogando à bola, ou à macaca, ou à cabra-cega, ou ao pião, ou correndo atrás de aros de

bicicleta.

E nisto chegou o dia 24 de dezembro. A avó Margarida tinha feito rabanadas, filhós, arroz doce... estava já a cozer o bacalhau com couves e batatas para a Maria e o Zé e o seu irmão mais velho, o Miguel que vinha do Barreiro, onde trabalhava nos comboios, trazendo a sua mulher Isabel e as duas filhas gémeas de cinco anos.

Quando se preparavam para ir para a mesa em que os esperava a consoada... aconteceu! A Maria estremeceu, abriu um grande sorriso, o Zé tremia muito e suave, a avó Margarida, como sempre, sabia exatamente o que devia fazer. Chamou a já prevenida vizinha parteira, que morava apenas duas portas ao lado... e ao som de risos e da algazarra dos vizinhos que regressavam da Missa do Galo, depois da meia-noite, nasceu o menino, nas primeiras horas do dia 25. Foi uma noite de alegria. A ceia ficou a arrefecer e quase ninguém comeu. Chegaram vizinhos com presentes. Cada um oferecendo o que podia.

O menino dormia sobre um pequeno colchão, sob o olhar atento do Matateu, um grande cão que, ironicamente, era totalmente branco, manso como um cordeiro e com um bafo fumegante que parecia querer aquecer o quarto e aquele humano pequenino que era novo para ele, mas que iria ser o seu melhor amigo.

Lá fora alguém cantava cantigas de Natal.

Poderiam ter-lhe chamado Jesus... mas não. Escolheram chamar-lhe António, como o seu avô, o único que não pôde estar na festa.

**(Samuel Quedas – Novembro de 2016)**

# o sonho e a realidade



Ao lume de um tempo em que o Homem todos os dias é reduzido na sua dignidade, o Natal é sempre um aceno de esperança na radicalidade de uma mensagem universal de sentido libertador e fraterno. Vem da fundura dos séculos a afirmação de um tempo em que a aventura cósmica do Homem, fazendo-se intemporalmente a si próprio, na incessante busca de um mundo melhor e mais justo, se refaz na metáfora do Natal, como se os territórios da infância que ele evoca fosse o *leit-motiv* de futuro que cada um precisa para enfrentar os desafios do tempo. É verdade que num modelo de sociedade que mercantiliza tudo - até os valores humanos - e canaliza a crueldade à escala planetária - as Sírias do nosso descontentamento! - ampliando a violência e glorificando o triunfo da exclusão social e das desigualdades, desvalorizando a acção solidária e o compromisso social, o sentido projectivo do Natal pode parecer arcaísmo ideológico ou ingenuidade cada vez mais fora de moda. Mas só em parte é assim. A humanidade ainda não é um remorso colectivo. "O deserto avança, mas uma árvore ou um poema podem ainda salvar o mundo", escreveu o Poeta Eugénio de Andrade, ele que sonhou sempre um mundo "mais limpo e habitável".

Penso para mim que o Natal, como ideia e mensagem primordiais, superam os circunstancialismos limitadores da condição humana, permanecendo como luz que continua a iluminar (e a inquietar) a caminhada do Homem. De facto, o que prevalece é a metáfora de uma gruta, um mundo configurado à sobriedade da pobreza onde se cruzam olhares de bondade focados numa criança que nasce, e a placidez amiga dos animais. O quadro, na sua simplicidade, contém afinal a exemplaridade de querer dizer que a comum humanidade do presépio não é outra coisa senão aqueles versos do Armindo Rodrigues que reivindicam a utopia do homem -ser-irmão-do-homem.

É isso que apetece dizer quando as chamas dos madeiros começam a crepitar e alumiam os adros das terras da Beira.

Aos meus Leitores, votos de saúde e felicidade.

Fernando Paulouro. Jornalista

<https://www.facebook.com/fernando.paulouroneves?fref=nf> 23.12.2016



Santo António, Columbano

## O NATAL DE SANTO ANTÓNIO

Avançava a noite, António acordou estremunhado e perplexo: despertara-o uma voz de mulher, um segredo que meigamente o chamava pelo seu nome de frade menor... Não seria de sua mãe aquela voz, ela sempre o tratara por Fernão, e sempre o deixara dormir, pressentindo que se deitara tarde, talvez nem sempre pelas melhores razões...

Mas era a sua mãe. Esta noite, também tarde recolhera, tinham os peixes insistido em que lhes falasse de Jesus à luz do luar. De volta ao convento, balbuciara um padre-nosso e caíra ferrado no sono. Sentiu frio, como se a sua cela escapasse ao calor estival de um junho italiano. Tossiu e logo resguardou a garganta na lã rude do escapulário do seu hábito franciscano. Vieram-lhe calafrios, como se o inverno ali estivesse, para o incomodar. Mas logo a doce voz de uma mulher chamou de novo: "António, frei António, vem ajudar-me!" Abriu os olhos, viu que estava deitado num monte de feno húmido, à beira de uma manjedoura, que o hálito de um boi e de um burro, ajoelhados atrás, brandamente aquecia. Um homem robusto, debruçado sobre ela, dela retirava um menino e o entregava aos braços acolhedores de uma senhora linda. Seria a mãe daquela criança, e falou-lhe, sorrindo: "Frei António, queres pegar-lhe ao colo? Chama-se Jesus, é o filho que Deus, por mim, destinou a todos, a ti também..."

O frade desenrolou o escapulário do pescoço, e com ele agasalhou o menino que aconchegou ao peito. Mirou-o, e muito com os olhos do coração. Sentiu junto à coxa esquerda, no bolso fundo da túnica, o peso duro de um volume e sacou-o: era um vaso de barro vermelho com um manjerico gloriosamente verde e cheiroso. Levantou-o à altura do menino, e logo este acariciou aqueles rebentos e, rindo muito, levou a mesma mãozinha ao rosto de quem lhe dava colo, para lhe oferecer perfume mais grato do que incenso.

Desde então, António, que conversara com os peixes, nunca mais comeu sardinhas, e foi passeando pelo mundo, com o menino ao colo e cheiro a manjerico.

Camilo Martins de Oliveira

In Contos Breves. 1. O NATAL DE SANTO ANTÓNIO

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/contos-breves-319931> (11.01.2015)